

## **HETEROTOPIA: UMA UTOPIA DIFERENTE “NA CONFUSÃO DO BAILE FUNK”**

Marcos Carvalho Lopes<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo, por meio da poesia de Gilberto Mendonça Teles, considera a dissolução do sujeito e a "metafísica da presença". O poema visual "Transição" é interpretado como apontando para um horizonte de heterotopia, em que o futuro depende da capacidade de pensar as "lacunas" entre culturas, criando diálogos.

**Palavras-chave:** sujeito; metafísica da presença; heterotopia; utopia; pós-modernismo;

## **HETEROTOPY: A DIFFERENT UTOPIA "IN THE CONFUSION OF FUNK"**

**Abstract:** This article, through the poetry of Gilberto Mendonça Teles, consider the dissolution of the subject and the "metaphysics of presence." The visual poem "Transições" is interpreted as pointing to a horizon of heterotopy, in which the future depends on the ability to think the "gaps" between cultures, creating dialogues.

**Key-words:** subject; metaphysics of presence; heterotopy; utopia; postmodernism;

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia PPGF/UFRJ. E-mail: marcosclopes@gmail.com

## INTRODUÇÃO

*Entre a esquerda e a direita  
As ucronias, as eutopias do cerrado – uma árvore  
crescendo para dentro, o entressonhado,  
o entrelugar do novo, o entressentido,  
o entrevisto no escuro - a sua face  
e equilíbrio no caos incandescente. (...)*

*Aquém dos entretons, dos interlúdios,  
vai-se criando a ordem na desordem,  
quando coisas e nomes, entreditos,  
reabrem o portal do imaginário.*

*E lá estão, nas dobras e entrelinhas  
o branco do intervalo, o azul, o corpo  
a corpo da linguagem - o entreato  
Do poema e seu murmúrio interlegente.*

*Gilberto Mendonça Teles, “Entre” (de Linear G, p. 13)*

### 1. DO FRACASSO ILUMINISTA A PÓS-MODERNIDADE

No livro Linear G, em um poema curto chamado “O Sujeito” (p.37-38), Gilberto Mendonça Teles brinca com as transformações da subjetividade que ocorreram entre o iluminismo e a contemporaneidade:

Na sedução iluminista  
O sujeito se via uno e oportuno:  
A razão diante do amor  
Sem solução.

Na do século XIX, o sujeito  
Sentia a atração do social

E atuavam dentro e fora  
No bloco de carnaval.

Na atualidade, descentrado  
Mas concentrado no *hic et nunc*,  
O sujeito se sente livre e fragmentado  
Na confusão do baile funk.

Se a história do pensamento é marcada pela dialética entre o particular e o universal, o individual e o social, esta pequena e irônica narrativa sobre o sujeito condensa muito dos dilemas da filosofia dos últimos três séculos. Os versos nos ajudam a entender a derrota do Iluminismo intelectual e sua pretensão de conjugar emoção e inteligência, numa Razão universal e inelutável, o verdadeiro *self* dentro de cada um. Junto com esta ideia de racionalidade iluminista a esperança no poder da Teoria inflava os conceitos de Ciência, Verdade, Natureza etc. como substitutos laicos para Deus.

No século XIX a dialética entre social e individual se tornou maior, o sujeito passou a ser visto como uma encarnação social, o Espírito do tempo ou como uma classe privilegiada na contemplação do que é (o proletariado de Marx). Por outro lado, românticos mais exaltados colocavam o sujeito alinhado com um ideal de liberdade poética para expressar o ser sem restrições sociais. Este conflito é uma forma de traduzir os passos dentro e fora do bloco (e da banda).

Hoje se canta a morte do sujeito, que sem centro se torna pura imanência, preso ao aqui e agora da cultura pop. Não é o trabalho nem a escola que lhe dão sentido, mas o estilo, aquilo que lhe permite ser notado, ter sua *imagem* reconhecida. O estilo é fonte de identidade para os jovens, os seres paradigmáticos deste aqui-agora. O *funk*, assim como o *rap*, são parte da cultura na periferia das grandes cidades. Ambos brotam como “flores espontâneas” dentro de comunidades colocadas em moratória quanto aos direitos de cidadania.

Por conta desta espera sem esperança, a imanência do estilo toma um sentido intensificado, contraposta a necessidade de procurar alguma entrada no mundo adulto, no mercado de trabalho, na prosa cotidiana. Por isso é comum que os jovens – de todas as classes – tentem ao máximo adiar o ingresso no “mundo adulto”. Podemos ler o poema “O sujeito” como uma narrativa que trata da queda do ideal iluminista de razão unificada para o caos pós-moderno. No entanto, uma história de decadência seria valorativa e, por isso, prefiro toma-lo como uma descrição da dissolução do ideal teórico do que Jacques

Derrida chama de “metafísica da presença”, o *logocentrismo*. Como explica o filósofo David Hall,

o viés logocêntrico da filosofia Ocidental motiva os pensadores a apresentar à verdade, o ser, a essência, ou estrutura lógica acerca dos quais falam e discursam. Os sentidos esboçados pela modernidade têm, acima de tudo, seu coração no esforço por caracterizar a Verdade, com “V” maiúsculo, sobre as coisas. O fracasso deste empreendimento é o fracasso da filosofia da presença – e o fracasso da modernidade (HALL, 1996: p.698).

Se a filosofia iluminista fracassou e seus ideais teóricos se mostram de pouca utilidade, o mesmo não acontece com sua contraparte política: a Utopia iluminista de uma sociedade global é cada vez mais urgente. Porém, como este sujeito “livre e fragmentado” pode sustentar a esperança em alguma forma de transformação social utópica? Como podemos articular razão e emoção sem uma Teoria forte que direcione a vontade para agir na construção de uma sociedade melhor? Este ponto encontra sua melhor formulação no romance *Sábado* de Ian McEwan, quando Theo, um jovem músico de dezoito anos formula o aforismo “quanto mais abrangente é o nosso modo de pensar, mais tudo parece escroto”, e o explica:

Quando a gente olha para as coisas grandes, a situação política, o aquecimento global, a pobreza do mundo, tudo parece mesmo horrível, nada está melhorando, não há nada de bom para esperar. Mas então eu penso nas coisas pequenas, próximas... sabe como é, uma garota que acabei de conhecer, ou essa música que a gente vai tocar com o Chas, ou brincar na prancha de esqui na neve, no mês que vem, e aí parece ótimo. Então o meu lema será este: pense nas pequenas coisas (McEWAN, 2005: p. 48).

Partindo de uma perspectiva presa a noções iluministas que *a priori* reivindicam universalidade não conseguiremos redescrever o ideal de uma sociedade global; não existe nenhuma teoria capaz de garantir comensurabilidade completa em todos os contextos. Se teoria é a contemplação do que é, precisamos aprender a contemplar também aquilo que não é, aquilo que a teoria deixa de lado e (como diz Heidegger) nadifica. Se a literatura se lança contra o sublime como retórica do silêncio, ela pode nos ajudar nesta tarefa. Na sequência deste texto analiso o poema visual “Versões”, também de GMT (TELES, 2002: p.79-81), procurando pensar a partir dele as transformações da subjetividade em um contexto multicultural e o desafio de retomar a utopia política iluminista.

## 2. SUBJETIVIDADE, MULTICULTURALISMO E O NEOILUMINISMO

O poema “Versões” tem três momentos que podem ser vistos como simultâneos. O primeiro, chamado “Transição” parte de um “EU” que se decompõe graficamente, se desestruturando e produzindo o ideograma chinês que significa “homem olhando o horizonte” e, finalmente o ideograma utilizado para “eu”. A leitura desta “Transição” é uma tarefa lúdica que não tem uma direção necessária (de cima para baixo, ou de baixo para cima), por isso destaco três possibilidades de foco propondo narrativas correspondentes:

EU  
EIJ  
目  
貝  
貝  
我

“VERSÕES / Transição”, Improvisuais, HORA ABERTA.

(1) podemos ver neste momento do poema outra versão da história contada em “O sujeito”, partindo de um ideal de “EU” cartesiano que, aos poucos vai se fragmentando até se reconstruir como imagem nos sinogramas que significam “homem olhando o horizonte” e, o último “eu”;

(2) partindo do ideograma chinês em direção ao termo correspondente em português podemos pensar a construção de uma escrita fonética com a dissolução da palavra-coisa;

(3) focando o momento entre os dois polos enfatizamos a contingência da identidade, o seu devir, em detrimento dos momentos em que de alguma forma ela se reifica.

Todas estas narrativas reivindicam uma continuidade que vemos no poema, mas que é falsa: não existe uma raiz comum entre o chinês e o português (ou qualquer língua indo-europeia). Aqui a metáfora de Babel não se aplica; não faz sentido a Utopia de um passado idílico comum que de alguma forma conecte as transições: o poema é puro artifício e, por isso, mais inquietante. Estamos diante do que Foucault, no início de *As palavras e as coisas*, chama de heterotopia:

As utopias consolam: é que, se elas não têm lugar real, desabrocham, contudo, num espaço maravilhoso e liso, abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico. As *heterotopias* inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruinam de antemão a “sintaxe”, e não somente aquela que constrói frases – aquela menos manifesta, que autoriza “manter juntos” (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas (FOUCAULT, 2007: p.XIII).<sup>2</sup>

Ora, isto que chamamos de “metafísica da presença” não faz parte dos pressupostos do pensamento chinês, que não parte de uma ordenação cósmica e ontológica. Por isso não requer algo universal, mas se concentra nas coisas particulares e na experiência com as diferenças. A sabedoria do pensamento chinês tem um direcionamento prático como forma de vida, algo que foi deixado de lado pelo pensamento ocidental, eminentemente teórico. Como assevera David Hall, tanto o dogmatismo, quanto totalitarismo e a tacanha indiferença “se conectam com a reivindicação de uma verdade final” (1996: p.699).

Ausente a “metafísica da presença” a China se assemelharia ao que chamamos, de modo impreciso, de pós-modernidade, sendo mais apta para pensar *diferenças, mudança e transformação*; enquanto no Ocidente nossa tendência é pensar em termos de *identidade, ser e permanência*. Paradoxalmente a China é um país de continuidade cultural, tradições que parecem pouco flexíveis; seriam realmente melhores em compreender diferenças?

A resposta para essa questão talvez esteja ligada a própria forma de descrição. Estamos acostumados com narrativas com momentos de grandes mudanças que representam ruptura, enquanto no Oriente, onde existe um sentido de contingência mais

---

<sup>2</sup> GMT usou a referência de Foucault a heterotopias como epígrafe de seu livro de poemas **Sintaxe Invisível**.

forte, as transformações tendem a ser vistas como parte de um processo contínuo. Ora, isso alimenta a suspeita de que o conceito de pós-modernidade seja mais uma criação da mídia – como forma de sacração do presente – do que uma ruptura efetiva. Uma comparação interessante feita pelo filósofo François Jullien entre o Xadrez e o tradicional jogo chinês de tabuleiro Go (originalmente Wei Qi) pode fornecer uma imagem das diferenças na forma de percepção entre a China e o Ocidente:

O Go não é disputado entre dois adversários que buscam conquistar territórios como acontece no Xadrez. Você vai devagar, criando zonas de influência, e assim prende o adversário. Hoje em dia, a influência da China no mundo acontece dessa forma. Ela se desenvolve sem ser percebida. É uma nova forma de imperialismo. (...) Na Europa e no ocidente, temos uma imagem do imperialismo que vem da cultura romana, de conquista de territórios através de um alto custo em termos de vidas e dinheiro, o que cria uma oposição forte. (...) Já a China se expande comprando petróleo e outros recursos naturais, se instala sem permitir uma oposição incisiva (JULLIEN, 2011).

Apesar da ausência de um solo comum anterior entre a China e o Ocidente, não devemos reforçar o coro dos que falam de um choque inevitável de culturas. A descrição de um conflito só aparece como algo necessário quando partimos de noções reificadas de identidade e aceitamos a sedução de descrições trágicas pouco interessantes. Aprender a pensar contextualmente, assumir a particularidade de seu ponto de vista, sem nos prender a noções fechadas de identidade ou pressupostos que anulam a possibilidade de diálogo e busca por objetividade é o desafio.

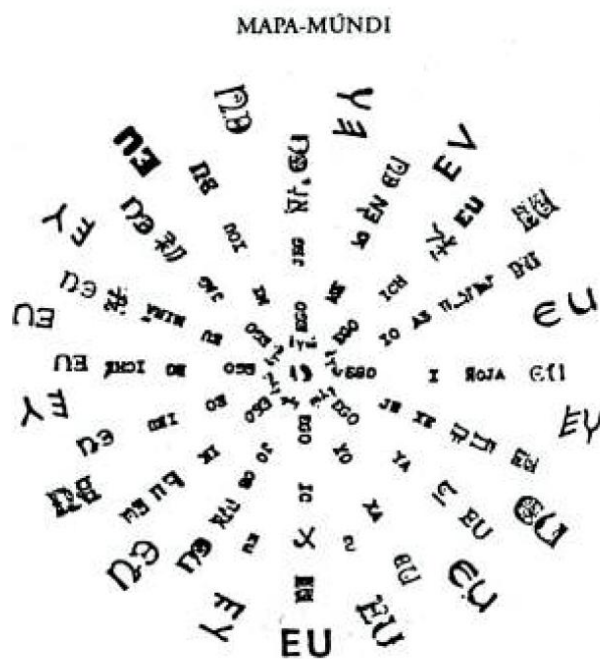
Voltando ao poema, o ideograma que representa um “homem observando o horizonte” é o mais próximo que podemos ter de um diálogo entre os dois polos. O horizonte de um mundo compartilhado desenhado na imagem em mutação guarda o mistério do espaço em branco entre seus momentos, lacunas (*ecárt*) que sublinham a fanopéia do poema visual, direcionando a atenção do leitor para a composição e o material utilizado. Neste poema os ideogramas não devem ser tomados como intervenções exóticas – apresentada como uma apropriação<sup>3</sup> - dentro de uma escrita linear. Ao invés disso é preciso tentar se aproximar da forma de funcionamento dos sinogramas, aceitando o desafio de propor uma tradução. Neste contexto, a tradução teria um sentido civilizador, como descreve Octavio Paz (1991), ela nos fornece: “uma imagem do outro e assim nos obriga a reconhecer que o mundo não termina em nós e que o homem é homens”.

---

<sup>3</sup> Octavio Paz critica a forma como Ezra Pound utiliza os ideogramas nos **Cantos**, como marcada por uma teoria ingênua e imperialista: “o que Pound chama de “apresentação” não passa muitas vezes de justaposição. Além disso, em nenhum caso sua escritura é realmente ideográfica, nem sequer quando incrusta ideogramas chineses em seu discurso: neste contexto, que é o da escritura linear e fonética do Ocidente, os signos chineses deixam de ser ideogramas” (PAZ, 1991).

A tradução do ideograma em palavras de um idioma fonético é um jogo de aproximação no qual nos arriscamos a simplificar e reificar seu sentido de acordo com o que seria habitual numa perspectiva marcada pela “metafísica da presença”. No Ocidente, segundo David Hall, tomamos a linguagem em dois sentidos: (1) como uma *linguagem da presença* ontológica, fundada na possibilidade de sentido unívoco e sem ambiguidade, exercendo uma função habitual e literal; (2) por outro lado, surge como uma *linguagem da ausência* onde sua função expressiva parasita os sentidos cotidianos produzindo sentidos novos e metafóricos, a partir de giros e desvios que permitem voos de imaginação que apontam para a ausência de referência. Diferente disso, segundo Hall, a escrita feita com sinogramas funciona como uma *linguagem de deferência*, “baseada no reconhecimento de ressonâncias mútuas entre as instâncias da atividade comunicativa. Não há nenhuma referência para além do ato de comunicação como este ressoa os significados celebrados nos modelos da tradição” (HALL, 1996: p.708).

Embora divirja da forma como David Hall trata a metáfora, acho válido utilizar sua descrição para pensar o poema “Transição” como transformando o “EU” em algo como um ideograma que alude ao mesmo tempo para a “reificação cartesiana” e para o “descentramento contemporâneo” do sujeito.



“VERSÕES / Mapa-múndi”, Improvisais, HORA ABERTA.



No segundo momento do poema “Versões”, denominado “Mapa-Múndi”, o poeta utiliza a palavra “eu” escrita em línguas diversas para criar uma espécie de círculo, ou, como observou de modo persuasivo Darcy França Denófrio, uma flor de lótus estilizada (2005: p.57), com suas dezesseis pétalas formadas por estes termos, ligadas ao centro pela palavra “ego”; o núcleo é feito por um círculo onde a palavra “eu” escrita em grego abriga a figura de dois peixes, animais que são símbolo de Cristo.

A análise de Darcy deste poema é paradigmática, vinculando-o a doutrinas do Baghavat gita onde o caminho de desenvolvimento espiritual é simbolizado pela flor de lótus. O poema representaria a aproximação do sagrado como processo de libertação do “eu” em relação ao ego. Esta busca é comum a diversas formas de percepção do sagrado, assim como, é alvo da obra dos melhores autores dentro da cultura literária, já que estes também ajudam o homem a se afastar de uma visão egoísta e fechada em si mesma (RORTY, 2012).

Desenvolvendo esta percepção da cultura literária como tendo como objetivo a luta contra o egotismo, penso este “Mapa-múndi” não como nos direcionando para a valorização/procura de um *self* central-verdadeiro, mas apontando na direção de um politeísmo romântico, onde se valoriza a autoconstrução poética da identidade, que abre espaço para as diferentes formas de conceber o sagrado. As diversas formas de dizer “eu” nas diferentes línguas, trazem junto consigo modos de estar no mundo, possibilidades expressivas que ganham vida em culturas distintas. De acordo com nossa formação cultural partiríamos de uma ou outra língua para entender o jogo que o poema propõe, nos localizaríamos a partir de distintos “lugares” neste mapa-múndi. Não se trata de procurar um sentido unívoco que apazigue as diferenças, mas de buscar construir o *self* em sentido romântico, onde o desejo de abertura (para compreender outros “eus”) seja valorizado mais do que a vontade de completude.

Podemos contar a história da modernidade partindo de Descartes ou de Cervantes: no primeiro caso teríamos a procura pelo desenvolvimento de uma forma de ver o homem em si mesmo, de modo independente de qualquer contexto; seguindo o caminho de Quixote, da literatura, por outro lado, teríamos o desafio de expandir nossas possibilidades de identificação e daquilo que chamamos de humano.<sup>4</sup> Coloco o poema de GMT dentro dos esforços da cultura literária, vendo a modernidade a partir desta segunda narrativa. Na construção de nosso “eu” o sentido de sagrado também pode ser procurado através da poesia, como observa a escritora Dorothea Allisson;

---

<sup>4</sup> C.f KUNDERA, 1988.

Há um lugar onde estamos sempre sozinhos com nossa própria moralidade, onde devemos simplesmente ter algo maior que nós mesmos ao qual nos agarrar – Deus ou a história, ou a política, ou a literatura, ou uma crença no poder curativo do amor, ou mesmo uma raiva justificada. Às vezes penso que todas essas são uma mesma coisa. Uma razão para acreditar, uma maneira de pegar o mundo pela garganta e insistir que há mais acerca desta vida do que jamais imaginamos (Dorothy Allison citada em RORTY, 2010: p.130).

O último momento de “Versões” se chama “Fractal”. Um fractal é uma figura da geometria não euclidiana que quando dividida mantém em seus fragmentos as propriedades da figura original. Um fractal pode ser gerado a partir da reprodução de um padrão em processo recorrente, iterativo. Neste poema visual as imagens dos momentos anteriores parecem se justapor de modo caótico. Este caos, seguindo o princípio da divisibilidade do fractal, tanto pode ser interpretado como um retrato da condição da subjetividade contemporânea quanto da intersubjetividade.<sup>5</sup>

#### FRACTAL



*VERSÕES / Fractal, Improvisuais, HORA ABERTA.*

Embora um fractal possa ser traduzido em um algoritmo extremamente complicado; não acredito que a chave matemática nos ajude a entender este poema. Se tomarmos os momentos anteriores do poema como guia, veremos que neles havia diversos traços que são formas de dizer “eu”; em “Fractal” os “riscos” deste círculo imperfeito

<sup>5</sup> Aqui novamente o pensamento oriental parece se antecipar a racionalidade ocidental, já que o taoísmo é marcado pela afirmação do caos e não por sua negação: o caminho do tao está no aprendizado da contingência (HALL, 1996: p.703).

também representariam traços de identidade e o espaço em branco aquilo que funda as heterotopias; a distancia cultural, as lacunas entre aquilo que alguém toma como instinto incorrigível e aquilo que aceita por coerção social. Preencher estas lacunas criando uma “mapa” ou alguma ordenação é tarefa constante da imaginação criativa de cada um de nós.

## CONCLUSÃO

Por fim, o caos deste “Fractal” sublinha a necessidade de pensar a lacuna (*ecárt*) entre as culturas em um esforço contínuo de tradução. O filósofo François Jullien defende que neste contexto de heterotopias não devemos sucumbir ao relativismo, mas aceitar o desafio de re-pensar o que chamamos de diálogo, substituindo os preconceitos universalistas por abertura poética: no *dia* teríamos a lacuna entre culturas, que mantém entre si uma tensão justificada por sua separação; no *logos* a busca da inteligibilidade, da comunicabilidade (JULLIEN, 2009: p.199). As lacunas deste fractal *mostram* o silêncio que precisamos aprender. Quando as antigas fronteiras entre gregos e bárbaros surgem como pressupostos tacanhos, teorizações inúteis; é necessária a construção de novas veredas: a utopia política iluminista não precisa que todos compartilhem a mesma base metafísica, precisa de esperança e abertura para conviver, para aprender outras línguas, poesias, amor; para viver mais plenamente. A outra alternativa é tomar a contingência como uma queda do paraíso e nos encolhermos em narrativas dramáticas e autoindulgentes de decadência, celebrando nosso egoísmo. Como ensina François Jullien, *dialogar* deve significar *tornar lacunas inteligíveis*. Talvez somente em um poema visual seja possível *mostrar* este entrelugar, este espaço em branco, este silêncio, que a literatura tem por desafio traduzir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DENÓFRIO, Darcy França. **O redemoinho do lírico: estudos sobre a poesia de Gilberto Mendonça Teles**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- FERNANDES, José. “**A verdade dos signos**”. In: Gilberto: 40 anos de Poesia. Rio de Janeiro: Galo Branco, 1999. p. 51-119
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 9ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- HALL, David. “**Modern China and the Postmodern West**”. In: CAHOONE, Lawrence E. (Org.) From modernism to postmodernism: an anthology. Oxford, Blackwell Publishers, 1996. p.698-710.
- JULLIEN, François. “**Diálogo para respeitar as diferenças**”. Revista Filosofia, Ciência & Vida. Ano IV, N 43, São Paulo: Editora Escala. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevista-francois-jullien/> Consultado em 07/01/2011.
- \_\_\_\_\_. **O diálogo entre culturas: do universal ao multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- KUNDERA, Milan. **A arte do romance**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- McEWAN, Ian. **Sábado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- RORTY, Richard. “**Fé religiosa, responsabilidade intelectual e romance**”. In PUTNAM, Ruth A. William James. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.p.113-134.
- \_\_\_\_\_. “**O declínio da verdade redentora e a ascensão de uma cultura literária**”. Trad. Heraldo A. Silva. Ensaios pragmatistas. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p.73-103.
- \_\_\_\_\_. “**Redemption from Egotism: James and Proust as Spiritual Exercises**”. Disponível em: <http://www.fobes.net/rumors2004/coreessays/rorty2.htm>. Consultado em 10/01/2012.
- PAZ, Octavio. “**Poesia latino-americana**”. In: Convergências: ensaios sobre arte e literatura. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. P. 161-173.
- TELES, Gilberto M. **Hora Aberta**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.